

ECOS DA TRADIÇÃO JUDAICA NA ARTE E NA LITERATURA DE JUDEUS NA AMAZÔNIA

ECHOES OF JEWISH TRADITION IN JEWISH ART AND LITERATURE IN THE AMAZON

Alessandra F. Conde da Silva*

Resumo: Este ensaio apresenta um estudo sobre escritores e artistas plásticos judeus nascidos na Amazônia e que em suas obras retrataram ecos da tradição judaica e da cultura amazônica.

Palavras-chave: Literatura. Artes plásticas. Judeus na Amazônia.

Abstract: This essay presents a study of Jewish writers and plastic artists who were born in the Amazon that, in their works, portrayed echoes of Jewish tradition and Amazonian culture.

Keywords: Literature. Visual arts. Jews in the Amazon.

Qual história se deve contar sobre os judeus na Amazônia? Alguém poderia antes mesmo de ouvir a história se perguntar: “o que estariam fazendo judeus na Amazônia”? O fato é que desde o início do século 19, judeus marroquinos adotaram a Amazônia como seu novo lar. Se o imaginaram como um *locus amoenus*, inebriados pelas notícias da conquista do Eldorado, do comércio extrativista e da liberdade religiosa e de paz, bem diferente da realidade vivida no Marrocos, viram que, na realidade, as atividades comerciais, na floresta e nos rios amazônicos, levaram-nos a um *locus horrendus* em que pestes, doenças e a solidão foram suas companheiras (BENCHIMOL, 2008).

Um dos primeiros livros a tratar do assunto foi *La vida de Moyses y Abraham Pinto en la jungla del Amazonas* (1879-1893), de Abraham Pinto. Este judeu marroquino escreveu as suas memórias e as experiências suas e de seu irmão, singrando rios e fazendo o comércio entre os ribeirinhos, na Amazônia brasileira e na peruana. Se essas primeiras expressões narrativas carecem de maior rigor literário, de maior labor narrativo, as informações históricas e

* Professora da Universidade Federal do Pará, campus de Bragança. Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás.
Email: <afcs77@hotmail.com>.

sociológicas são riquíssimas, constituindo excelente material de pesquisa. Isso, todavia, não arrefece a importância dos primeiros textos escritos por imigrantes judeus na Amazônia. Pensamos neles como um constructo literário inicial de uma literatura em formação feita por escritores judeus na Amazônia. Segundo Regina Igel (1997, p. 7),

nesta altura, o conjunto ficcional brasileiro é quase todo constituído por imigrantes radicados no Brasil ou seus descendentes brasileiros. Enquanto com os primeiros é perceptível uma potencialidade literária nem sempre redimida, nos segundos já se reconhecem traços indicativos de uma ascensão estético-literária que se distancia das modestas intenções inaugurais dos pioneiros.

Na literatura da Amazônia, há a presença de escritores judeus nascidos ou radicados na região. Muitos deles abordaram temas amazônicos, que reproduzem o espaço, a geografia e a cultura local. A produção literária desses escritores judeus amplia o rol de obras da literatura da Amazônia. Para José Guilherme Fernandes (2004, p. 115),

em seu primeiro sentido, a preposição *de* marca o lugar de onde provém algo, sua origem. Ademais, a idéia de causa é correlata à origem, o que implica dizer que a Amazônia é a origem e causa desse tipo de produção literária que funda um imaginário pautado em sua paisagem e identidade, transitórias entre o local e o universal: mas, atente-se, a Amazônia é ponto de partida e não um fim em si mesmo.

Além disso, os escritores judeus nascidos ou radicados na Amazônia não apresentaram somente temas judaicos em suas produções, incluindo nessa relação, a história judaica na Amazônia, assim como escritores sem qualquer ligação com o judaísmo valeram-se de temáticas ou de assuntos judaicos em romances como se vê, por exemplo, em Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum e Sandra Godinho. Poderíamos, a partir dessas primeiras discussões sobre a literatura feita por judeus na Amazônia, conceber uma literatura judaica na região? Bella Jozef (2009, p. 190) toca no assunto sobre a existência de uma literatura judaica “nas literaturas escritas em línguas não judaicas” (WALDMAN, 2011, p. 1). O assunto é polêmico, mas tanto Bella Jozef, quanto Berta Waldman referenciam que a temática judaica, isto é, o referencial a um código cultural judaico, imagético e literário, não garante “a imersão do judaísmo para o leitor” (WALDMAN, 2011, p. 2).

A origem étnica do escritor garantiria o seu ingresso em uma literatura dita judaica? Bella Jozef (2009, p. 190) na tentativa de responder a esse arrazoado diz que os escritores judeus lidam com temáticas diversas, “elementos de fora que não [...] diluem a identidade” judaica,

isto é, a cultura judaica sobrevive ao caudal cultural externo. Além do que, aposta na ascendência judaica do escritor para conduzi-lo a ideia de produtor de literatura judaica, isto é, o escritor judeu produziria literatura judaica. Segundo Jozef (2009, p. 190), “com Borges, podemos responder a uma parte da pergunta que não é a temática que definirá a origem do escritor. O escritor judeu produz uma escrita judaica embora não trate especificamente de temas judaicos”. Tanto Berta Waldman, quanto Bella Jozef dão o exemplo de Clarice Lispector, em cujos textos não há temática judaica clara, apenas rastros culturais, ou, como diz Waldman (2011, p. 11), ela está “ligada ao judaísmo”.

Regina Igel (1997, p. 4) contribui com essa discussão apresentando dois pontos importantes: “a identificação do escritor como judeu [...] e uma dinâmica judaica textualmente explícita ou relevante junto a outros aspectos da sua personalidade e caracterização literárias”. Ela também utiliza em seu seminal estudo sobre a literatura de escritores judeus brasileiros, *Imigrantes judeus/Escritores brasileiros*, publicado em 1997, a expressão “literatura brasileira judaica” (IGEL, 1997, p. 5), para representar a produção literária brasileira de escritores judeus. Neste mesmo sentido, podemos utilizar a expressão literatura judaica na Amazônia como referência à literatura de escritores judeus amazônicos ou deles descendentes que escreveram sobre a Amazônia e à literatura sobre a presença judaica na região produzida por autores judeus não amazônicos e/ou não judeus. Neste caso, a julgar pela definição de José Guilherme Fernandes, sobre a não obrigatoriedade de considerar apenas a origem do escritor para arrolá-lo entre os escritores da literatura da Amazônia, poderíamos considerar, por exemplo, alguns romances de Moacyr Scliar, como *Cenas da vida minúscula* (1991), em que se vê narrada a história de homúnculos judeus na hileia amazônica.

É claro que esta discussão está longe de findar. Se adotamos uma designação é somente em razão da necessidade de se nomear as coisas, categorizá-las e classificá-las com vistas a atividades didáticas e metodológicas, seguindo a tradição já utilizada. Talvez devêssemos adotar o pensamento de Márcio Souza (2004, p. 26-27), escritor de ascendência judaica, que diz fugir de “guetos geopolíticos” e desejoso de inscrever-se, de fato, “na grande vertente da literatura brasileira, braço possante da cultura de língua portuguesa, essa por si uma rica floração da cultura latina”. De todo modo, sabemos-nos filhos de uma rica tradição literária que ecoa a Amazônia, suas culturas e suas gentes, quer pelas vozes de seus irmãos, quer pelas vozes de amigos e simpatizantes.

Neste ensaio, com o objetivo de divulgar ecos da tradição judaica na literatura e na arte plástica produzidas por judeus na Amazônia, comentaremos sobre algumas obras (poemas,

contos, romances, crônicas, pinturas) de autores de origem judaica que nasceram ou se radicaram na região. Alguns desses escritores e artistas plásticos retrataram a presença judaica na Amazônia com tintas fortes. Outros apenas aludiram brevemente ao tema.

Além de Abraham Pinto, um outro marroquino naturalizado brasileiro dedicou-se às letras pátrias. José Benedicto Cohen, nascido no Marrocos em 31 de dezembro de 1872, foi poeta e contista, além de jornalista, tradutor e de exercer funções rabínicas. Publicou contos e poemas em jornais e foi coautor de *Cântico dos Cânticos*, em companhia de João de Deus (1944). No *A Columna*, primeiro jornal sionista do Brasil, em 1917, Cohen publica o poema “Israel” que fala sobre as atrocidades sofridas pelos judeus na Europa e a diáspora judaica. No poema, o eu-lírico, como uma forma de resistência, assevera a existência e persistência do povo hebreu na História, de geração em geração, “*lê dor vador*” (COHEN, 1917, p. 76):

Israel! Israel! As santas profecias
 Dos teus santos *Xabis*, realizam-se por certo!
 A Europa em convulsões nos mostra a descoberto
 O fim do teu *galuth* e os ditos de Isaias...
 Raça bendita, ri que a remissão vem perto!
 Atira para o olvido as páginas sombrias
 Dessa história de dør e amargurados dias
 Que os ecos do *shophar* já vibram no deserto!
 Um homem se erguerá... e os homens ajustados.
 Por largo tempo assaz, em guerras de extermínios,
 Trarão o céu, a terra e o mar incendiados...
 Mas. Tu, persistirás, *lê dor vador*, bendito
 Entoando a *Axirá* nos teus vastos domínios
 Para gloria de Deus e do que está escripto. (COHEN, 1917, p. 76).

Nos primeiros versos, há uma evocação à memória do povo, à letra da religião, às profecias dos rabinos que não falam apenas dos males sofridos pelos judeus. Elas revelam um algo a mais: a redenção e a alegria que virão após a conversão. O *Galut* permitiria a ideia de um sofrimento que leva à emenda dos erros. Segundo Itzack Baer (1997, p. 9),

a palavra “Galut” envolve todo um mundo de fatos e idéias que surgem, com força e clareza invariáveis, em todas as épocas da história judaica. A servidão política e a Dispersão, o desejo de libertação e de reunião, o pecado, a contrição e a expiação, eis os elementos mais gerais que devem figurar na elaboração do conceito de Galut, se quisermos que o termo retenha qualquer sentido real.

Após o *Galut*, chega o tempo de esquecer a dor e de cantar com alegria os hinos em louvor ao Eterno, não em terra estranha, mas nos “vastos domínios” (COHEN, 1917, p. 76) dos judeus.

Assim como Cohen, Samuel Benchimol reservou algumas linhas à poesia. Conhecido como o autor de *Eretz Amazônia* (1998), livro que fala sobre a contribuição sócio-econômica dos judeus para a região, Benchimol foi, na mocidade, escritor de poesia. Em *Versos dos meus verdes anos*, um opúsculo de poemas e haicais de nove páginas publicado no livro biográfico de autoria de Abrahim Baze, *Samuel Benchimol: ensaio biográfico de um educador e empresário*, conhecemos a verve poética de Samuel Benchimol. No haicai “Homem do rio”, vê-se não apenas a aspiração para cantar o bioma amazônico, mas a preocupação do estudioso da Amazônia em preservar a natureza local: “A chuva faz a mata / A mata faz o rio / O rio faz o homem / que queima a mata que mata os bichos que seca as / águas” (BENCHIMOL apud BAZE, 2014, p. 316).

No poema “Pós-guerra”, de 1945, é a vez do rapazola judeu fazer ecoar as angústias ao saber do aniquilamento de seus irmãos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. O eu-lírico entende a missão de testemunhar as atrocidades e de cantar um novo mundo, conforme se percebe no excerto abaixo:

Longe, muito longe, surgiu a sombra e o perfil do poeta
para contar as histórias
chorar os amigos
enterrar os mortos
e fazer surgir da poeira das cinzas e do carvão das queimadas
um mundo novo, livre e liberto
para que todos pudessem, outra vez,
sonhar, viver e antecipar a chegada
do novo amanhã. (BENCHIMOL apud BAZE, 2014, p. 334-335).

Em *Amazônia – um pouco antes e além depois* (1977), Benchimol declara ter se alistado no Exército brasileiro com a intenção de combater o nazismo:

Em virtude da guerra ingressamos nas fileiras do Exército, como convocados ou voluntários. Pertencendo a um grupo de estudantes antinazistas, em companhia deles apresentei-me, sem consulta aos nossos pais, por ocasião da declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo, como voluntários da Força Expedicionária Brasileira que se organizava para combater na Itália. (BENCHIMOL, 2009, s/p).

Se, na mocidade, Benchimol dedicou-se a algumas poesias, a maturidade o conduziu a estudos mais profundos sobre a economia, sobre a formação social da Amazônia e a presença dos imigrantes e migrantes na região. Ele evoca suas memórias de menino e de adolescente e o tentame resultou no texto “Meus passos: Ecos e Evos”, publicado em *Amazônia – um pouco*

antes e além depois. A história de sua família, seringueiros na região do Abunã, em Rondônia, nos idos de 1923, mostra as agruras que diversas famílias de judeus marroquinos sofreram nas cidades interioranas da Amazônia, como se vê no excerto abaixo:

Quando nasci, meu pai era um homem de posses, como se dizia então. Empresário, aviador de estivas e seringalista, com interesses ligados a seringais na fronteira do sudoeste amazônico, no rio Abunã, lá para as bandas lindas de Rondônia e Acre. Quando tinha apenas três anos de idade, o ano de 1926 prenunciava a derrocada final do ciclo da borracha, cujo pico atingira os anos de 1910 e 1913 e seguira a sua curva declinante, mais acentuada durante os anos 20. Nessa altura, as dificuldades financeiras do colapso iminente da economia regional levaram meu pai a se radicar nos altos rios Madeira e Guaporé, e muito mais além, nos inúmeros subfluentes do rio Abunã, Rapiran e Xapiran. Levou toda a família, inclusive minha irmã Robine, recém-nascida, na tentativa de soerguer, com a sua presença e ação, a sua ameaçada atividade na empresa seringueira. Foram anos de luta, de pobreza, de miséria e de doença, anos que trouxeram para ele e para todos nós as marcas indeléveis da penúria. (BENCHIMOL, 2009, s/p).

Sultana Levy Rosenblatt, escritora paraense nascida em 1910, na crônica “Como viemos parar na Amazônia”, publicada na revista *Morashá* (2000), referencia as mesmas cenas interioranas de dificuldades financeiras e de afastamento social que Samuel Benchimol atestou em “Meus passos: Ecos e Evos”. Rosenblatt nesta crônica conta a história de seus antepassados, judeus marroquinos que, no interior paraense, formaram as suas famílias e lutaram pela subsistência:

Parece incrível por vários motivos. Primeiro que tudo, ele era um jovem judeu e os judeus não gozam fama de aventureiros. Atribui-se à extremosa mãe judia o poder de impedir que os filhos se exponham a perigos... Em segundo lugar, supõe-se que os judeus preferissem estabelecer-se nas cidades, perto de sinagogas, escolas, bibliotecas. Mas esse lugar a que meu bisavô entregou as primícias da sua vida não tinha sinagoga, nem biblioteca, nem sequer livraria. Era uma cidadezinha onde as facilidades, como condições sanitárias e assistência médica, ainda hoje são precárias. Então, pergunta-se, como se explica que um moço judeu, educado, nascido em Tânger, no Marrocos, apareça feito senhor de escravos no coração de uma ilha amazônica? ... que por esse tempo, os rapazes judeus eram encorajados pelos próprios pais a procurar nova vida, fosse onde fosse. Qualquer lugar seria melhor do que a existência em guetos rodeados de mouros inimigos. O Brasil, a essa altura, era uma espécie de Terra Prometida. Um país com imensas áreas e pouca população, atraindo imigrantes com promessas liberais por uma lei que não levava em conta credo ou nacionalidade, contanto que a raça fosse branca. Assim, os judeus marroquinos, considerados imigrantes brancos, zarparam para a região amazônica esperando lá encontrar o "El Dorado". Liberdade, acima de tudo liberdade religiosa, e, quem sabe, ouro jorrando do solo. Cedo esse fascinante sonho se desfez quando eles compreenderam que apenas

haviam-se mudado do purgatório para o inferno. (A floresta amazônica é poeticamente cognominada "Inferno Verde"). (ROSENBLATT, 2000, s/p).

Além das crônicas sobre a sua família, Sultana Rosenblatt escreveu contos, peças de teatro e romances. *Barracão* (1963) é um romance sobre um jovem herdeiro, dono de fazenda no interior do Pará. A vivência na fazenda o conduz a ter contato com um mundo bem diferente da realidade carioca que conhecia. A lida com caboclos e com a mística local o leva a enfeitiçar-se pela madorra amazônica. Já não deseja retornar para o Rio de Janeiro, para a noiva. No romance, conhece-se ainda a história da professorinha Joia e de sua mãe Eulina. A primeira é falada, contada, descrita pelo narrador e pela mãe. Tudo o que se sabe dela é dito pela voz do outro. Sua vida é um lampejo. Surge, brilha e apaga-se. A mãe, cabocla amazônica que vendia rosca de tapioca na rua, é o retrato da mulher sofrida e abnegada. Na mesma ambiência, surge, também de passagem, um judeu marroquino. O narrador adita à narração a história de Jacob do Furo Grande, imigrante pioneiro na Amazônia, assim como um dos avós de Rosenblatt. A família de seu Jacob perece em um naufrágio e as mesmas águas sugam o corpo de Joia, marcada profundamente pela tristeza gerada pelo fim do relacionamento com Álvaro. À Eulina, resta a lembrança do que a filha foi e, orgulhosa, pede o respeito devido: “Calem-se, atrevidos! Respeitem a mãe de professora! (ROSENBLATT, 1963, p. 211). Neste romance, a gente amazônica e seus costumes ganham voz e vez. Segundo Dalcídio Jurandir (apud ROSENBLATT, 1963, p. 8), em *Barracão*

derrama-se por todo o livro uma ternura pelos humildes, um gosto, muito maternal, de ouvir o povo, querendo entender-lhe os anseios sofrimentos e alegrias. Ambientes, cenários, personagens, no romance, são construídos com muito conhecimento, com justeza e espontaneidade. A autora é bem paraense no descrever, no usar a linguagem, no “estoriar” sua terra e seus parceiros de lá. Os episódios passam-se em Belém e no interior do Pará onde o leitor toma contacto com aquelas águas grandes, mergulha naqueles matos, se embebe daquela solidão com os caboclos na cabeça do trapiche e os “gaiolas” varando as espessuras.

Sultana Levy Rosenblatt apresenta domínio estético-literário, afastando-se da produção inicial de muitos escritores de origem judaica na Amazônia, como Abraão Pinto. Consideremos que Samuel Benchimol teve apenas um lampejo poético na juventude, silenciando suas inclinações artísticas. As histórias de Rosenblatt superam a intenção de relatar apenas as vivências e as memórias dos imigrantes. São criações ficcionais bem construídas, cujas personagens podem ser judias ou não. Nelas, vê-se, a representação do caboclo amazônico, do

seringueiro, da cabocla ribeirinha ou da vendedora de tapioca que com um tabuleiro nos braços ganha o pão de cada dia.

No esteio de Sultana Roseblatt, isto é, escritores judeus² nascidos na Amazônia, há os amazonenses Leão Pacífico Esaguy, Elias Salgado, Mady Benoliel Bezecry, Myriam Scotti e o paraense Marcos Serruya. Falaremos neste trabalho apenas sobre Myriam Scotti e Mady Benoliel Benzecry³. Ilko Minev deve ser posto neste rol. Nascido na Bulgária, radicou-se na região há mais de 40 anos. Na altura deste ensaio, ele tem quatro romances publicados: *Onde estão as flores?* (2014), *A filha dos rios* (2015), *Na sombra do mundo perdido* (2018) e *Nas pegadas da Alemoa* (2021). No primeiro, há o relato das memórias de Licco Hazan, sobrevivente de um campo de trabalhos forçados na Bulgária, e que na Amazônia reconstruiu a sua vida doméstica e econômica com liberdade. Nos demais romances, é narrada a história do sobrinho de Licco, Oleg Hazan, fugitivo do totalitarismo comunista da Bulgária e que, assim como seu tio, adotou a Amazônia como lar.

Myriam Scotti nasceu em Manaus. É uma escritora jovem e com uma produção literária significativa. Embora advogada, largou a profissão por escolha, em razão da maternidade e se descobriu escritora, relatando, por vezes, as angústias e trabalhos da maternidade. Duas obras de Scotti nos chamaram a atenção. Um conto chamado “Terra prometida”, publicado no livro *Éden tártaro* (2018) e o romance *Terra úmida* (2021). No primeiro, conhece-se a história de uma família de judeus marroquinos que imigraram para a Amazônia. No início da narrativa, o narrador personagem conta os processos de adaptação pelos quais passaram os imigrantes, mas logo atesta a liberdade e a abundância encontrada em terras amazônicas, conseguida com o trabalho árduo. Seria mais uma narrativa sobre os pioneiros judeus na região, se o narrador não tivesse mudado o foco, fixando o olhar na mãe, triste figura desventurada e solitária em uma terra que, como pagamento pela fartura e liberdade, levou seus filhos e maridos a navegar rios amazônicos. Como um drama feminino em que a solidão é um inimigo cruel, a mãe definha doente do corpo e da mente, esquecida pela família, marido e filhos, seduzidos pela vida de regatão, em comércio e trânsito constantes. O narrador, por fim, relata a morte de uma mulher infeliz:

² Há, é claro, escritores amazônicos com ascendência judaica, que não professam a fé ancestral de seus pais como Paulo Jacob, Rogel Samuel, Salomão Larêdo e Márcio Souza. Alguns deles têm romances ou peças de teatro que relatam a presença judaica na Amazônia, como se vê no romance de Paulo Jacob *Um pedaço de lua caía na mata* (1990) e no texto teatral “Eretz Amazônia”, de Márcio Souza, publicado em *Teatro Seletto* (2018). Sobre este assunto, temos o artigo “Dois escritores descendentes de judeus sefarditas na Amazônia: Márcio Souza e Rogel Samuel”. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 15, n. 28, maio 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/36533>>.

³ Sobre os demais escritores e suas obras há o livro *Ecos sefarditas: judeus na Amazônia* (2020), organizado por Alessandra Conde e Silvia Benchimol.

Ficamos em volta daquela mulher moribunda de quem éramos obrigados a nos despedir. Ima, nos raros momentos em que abria os olhos, encarava-nos com olhos de saudade e algum rancor. Seu semblante, porém, ainda parecia mais sereno que o nosso de desespero. Após sussurrar o que nos pareceu uma bênção, apagou-se, como se alguém lhe tivesse soprado. (SCOTTI, 2018, s/p).

Em *Terra úmida*, a temática retorna. A mãe ainda logra protagonismo. Mas ela já não é mais um modelo feminino exemplar, uma *ídiche mame*, detentora dos “recursos materiais e simbólicos” (LEWIN, 1997, p. 129) que controla e organiza a estrutura familiar judaica. A personagem Syme, filha de judeus marroquinos, não quer casar, quer ser professora e independente. A trama que retrata as memórias do filho Abner e a narrativa presente no diário de Syme, ambienta-se na Amazônia e no Marrocos. Há uma terceira parte que corresponde ao arremate do romance, contando sobre a trajetória do narrador Abner. A primeira parte lembra muito do que vimos no conto “Terra prometida” sobre a presença da família de judeus marroquinos em Manaus. A segunda parte inova por dar voz à mulher imigrante e não apenas por isso. Syme é uma personagem que resiste à própria tradição. Obrigada ao matrimônio, a maternidade surge como algo penoso e antipático. Por vezes deseja e faz com que seus filhos não vinguem, como uma Medeia amazônica. Quando soube que deveria vir para o Brasil diz:

Na semana da viagem, quando comecei a sentir aquele maldito enjoo denunciante, preparei chás e mais chás até perder a criança e poder viajar em paz. Chega de filhos! Já basta ser obrigada a recomeçar uma vida em um lugar distante de todos que amo. Sei que chegará o dia de ser castigada por tantos desvarios. Devia ter nascido homem. Assim D’us e meu pai não teriam tido tanto desgosto... (SCOTTI, 2021, p. 174).

Em razão da relação adúltera com um árabe, em Manaus, tenciona abandonar a casa com o amante, enquanto marido e filhos estavam fora no comércio ribeirinho. Desiste da fuga tomada por um sentimento de egoísmo: “Na verdade, fui inundada pela culpa de que eu iria ser responsável pelas piores memórias da minha família”. (SCOTTI, 2021, p. 230). O ficar a conduz a deixar ir mais um filho: “Mais um filho que farei escorrer. Quantos ainda virão?” (SCOTTI, 2021, p. 234). Syme não é uma figura feminina exemplar. Ela evoca uma construção realista e não sublimada da maternidade e do matrimônio. Ela demonstra amoralidade quase total. O freio moral surge apenas para pôr em evidência o seu egoísmo. Deixou de fugir pelas suas memórias, em razão do que poderiam dela pensar. Anos mais tarde, consumida pela dor e pela doença, como se buscasse um apanágio moral, uma expiação, deixa para os filhos o seu

diário, suas memórias de vida e de morte. Mas, mais do que tudo, deixou as memórias de uma mulher peculiar que viveu uma vida tensa, amarga e aliciante.

Mulheres aliciantes parece ser o tema que conquistou artistas plásticos judeus amazônicos. Mady Benoliel Benzecry foi poeta e artista plástica. Escreveu dois livros: *De todos os crepúsculos* (1964) e *Sarandalhas* (1967). No poema “Baú da infância”, de *Sarandalhas*, o eu-lírico descreve uma infância feliz no seio de uma família judia⁴. As evocações de um passado no Marrocos encontram eco na figura da avó Alegria, assim como o vigor patriarcal prefigura-se no avô e nas suas estripulias amorosas:

Conforme o que eu ouvia
em conversinha abafada
de mamãe com suas amigas,
escondida atrás da porta
de uma das salas da casa,
vovô (o pai de papai)
era fogo! E com 70
ainda mandava braza... [sic] (BENZECRY, 1967, p. 30).

A imagem da menina atrás da porta, às escondidas, sorvendo as fábulas dos mais velhos, é como um quadro em que são retratadas travessuras infantis, um momento fugaz da infância, lá onde se descobre algo mais da vida, algo além das brincadeiras de crianças, permitindo que a menina se torne mais adulta.

Este mesmo matiz incide sobre algumas de suas pinturas⁵. A infância, retratada por Mady Benzecry, é inquiridora, sonhadora, ensimesmada, como pode ser percebido em “O sonho”, interpretação construída tendo como parâmetro as perspectivas iconográfica e iconológica, isto é, como métodos de descrição e interpretação do significado da pintura, de acordo com a teoria de Ewin Panofsky. Na perspectiva iconográfica, busca-se a identificação de imagens que formariam uma história ou alegoria, o que permitiria a descrição e classificação das imagens. A perspectiva iconológica entende-se como

um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias

⁴ Já falamos sobre este assunto no artigo “Memórias de uma judia sefardita: reminiscências poéticas na Amazônia”. *Revista Moara*, n. 56, vol. 1, ago-dez 2020. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9783/6756>>.

⁵ No artigo “Duas artistas plásticas judias na Amazônia” falamos sobre as pinturas de Mady Benoliel Benzecry e Donna Benchimol. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 15(29), 2021, p. 30–44. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/35907>>.

é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica (PANOFSKY, 1986, p. 54).

No quadro a seguir, uma menina, à direita do espectador, segura a cabeça com a mão, como se estivesse a pensar. Ao fundo, uma paisagem bem comum nos quadros de Benzecry: o espaço amazônico com casas, igreja e vegetação limitadas e cercadas pelo caudaloso rio. Este também separa a menina com os seus balões coloridos e o carrossel, posto em um tapete de pequenas flores. No alto, em um céu escuro azulado, com poucos feixes claros, de uma luz que se esvai, foge um cavalo do carrossel, subindo, subindo. O cavalo em fuga, como um Pégaso em liberdade, parece evocar a aspiração da menina ensimesmada, enfadada, sonhando com o carrossel da liberdade. O que está a pensar a menina? Se os cavalinhos fossem sonhos, acaso teria um resistido aos arreios giratórios e, em fuga, buscava a liberdade?

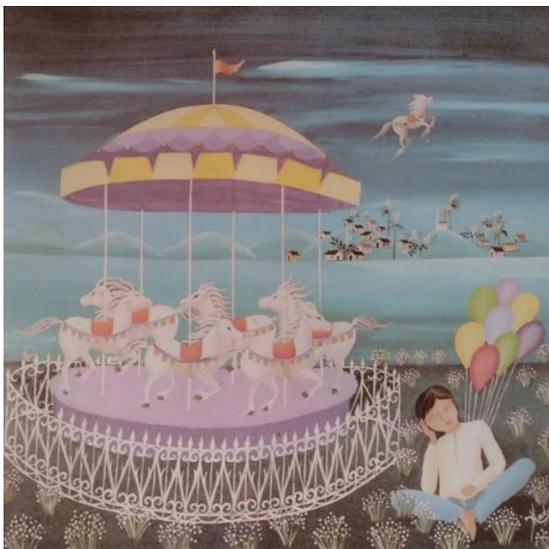


Fig. 1. “O Sonho” de Mady Benoliel Benzecry (apud Margutti, 2003, p. 45).

Em outras pinturas, Benzecry privilegiou motivos como a maternidade, a mitologia local, a cultura e a realidade amazônicas, a mulher sedutora e a tradição judaica. Para Mário Margutti (2003, p. 105),

Poetisa-Música-Pintora, Mady é uma analogia viva do Amazonas. Tocando com suas artes a raiz do lirismo, ela se identifica com as lendas e feitiços da sua terra, evocando essências, amalgamando-as, ela própria, nos temas da sua arte, como num rito de celebração da memória, tornando-se uma espécie de sacerdotisa-guardiã das luxuriantes belezas amazônicas.

O motivo da tradição judaica é bastante recorrente nas pinturas de Mady Benzecry. Na figura dois, “Jardim do Éden”, o casal do Gênesis, está em companhia de animais variados, extrapolando a fauna amazônica: uma onça pintada descansa ao lado de animais africanos, por exemplo, já a flora amazônica pode ser captada na tela, que repete a mesma vegetação presente em outros quadros que aludem à geografia local. Atrás de Eva e Adão, que segura o fruto proibido, está o extenso rio e em perspectiva surgem montanhas e a lua que, com um feixe de luz triangular, ilumina as águas do rio.



Fig. 2. “Jardim do Éden” de Mady Benoliel Benzecry (apud Margutti, 2003, p. 23).

Donna Benchimol, artista plástica paraense, compôs telas presentificando o motivo da tradição judaica, assim como Mady Benzecry. Sobre seus quadros, influenciados pelo estilo Naif, Benchimol diz: “Na temática eclética e sem fronteiras, eu reescrevi a minha ligação com a Ilha de Marajó pintando obras regionais e minha descendência judaica nos trabalhos onde retrato a Cidade Santa de Jerusalém (BENCHIMOL apud BASTOS, 2007, p. 4). Na figura três, “Casamento judaico”, vê-se uma cena em que o noivo e noiva em festa congratulam-se com os convivas. No fundo, aparece uma parede de alto capim, paisagem bem comum na geografia marajoara, que também pode ser vista em “O menino montado no búfalo” e em “Paisagem amazônica”.



Fig. 3. “Casamento judaico”, de Donna Benchimol (apud BASTOS, 2007, p. 9).

Temas da mitologia local, da cultura regional e da beleza feminina em sedução são iterativos nas pinturas de Donna Benchimol. A história do judeu marroquino, imigrante em terras amazônicas, também foi retratada por Benchimol e por Ariele Wagner, artista plástico paraense, conhecido como o antropólogo Wagner Bentes Lins. “Tânger”, de Benchimol, na figura quatro, mostra uma cena marroquina comum, formada por casas e transeuntes vestidos com roupas árabes. O quadro é uma referência ao local da emigração, de onde judeus sefarditas partiram rumo à Amazônia.



Fig. 4. “Tânger”, de Donna Benchimol. Calendário AHJA, 2020.

A pintura a seguir, uma tela de Arieh Wagner, evoca a fartura amazônica encontrada pelos judeus marroquinos. Para marcar a indumentária étnica, o artista pinta judeus com trajes típicos da cultura marroquina, com longos vestidos e sandálias.



Fig. 5. “Eretz shefa – Terra da abundância”, de Arieh Wagner. Calendário AHJA, 2020.

Ao centro, grandes peixes amazônicos são carregados por judeus desbravadores. A vegetação local e os animais da fauna amazônica identificam o *locus amoenus* em que as duas figuras estão postas. O título da tela é “Eretz shefa – Terra da abundância”. O quadro “A partida do Marrocos” retrata o embarque de jovens aventureiros que buscaram na Amazônia o seu sustento. Ao fundo, o barco que os trouxe a Belém. No primeiro plano da tela, de costas para o espectador, está a família que ficou no Marrocos.



Fig. 6. “A partida do Marrocos”, de Arieh Wagner. Calendário AHJA, 2020.

Este quadro de Arieh Wagner faz lembrar uma descrição de Sultana Levy Rosenblatt sobre os jovens emigrantes do Marrocos. Em “Brasil, terra da promessa”, publicada no livro *Papéis* (1999), Rosenblatt (1999, p. 171) diz: “Chegavam moços, carregando ilusões e idealismo, além de cultura, não só de judaísmo como geral... iam tentar a sorte numa clareira de floresta, e aí ficavam encravados. Aceitavam a vida quase primitiva, em lugares onde hoje a civilização mal penetrou”.

Em conclusão às histórias contadas e pintadas até aqui, vimos que escritores e artistas plásticos judeus compuseram uma história peculiar na Amazônia, enriquecendo-as não apenas com a tradição judaica recebida por herança ancestral, mas agregando a elas, com desenvoltura,

narrativas de adaptação a um bioma e cultura diferenciados. A literatura e a arte plástica judaica na Amazônia refletem essas nuances.

Referências

- BAER, Itzack. *Galut*. Trad. J. Ginsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 9.
- BASTOS, Celso F. *Donna*. Rio de Janeiro: C. F. Bastos, 2007.
- BAZE, Abrahim. *Samuel Isaac Benchimol: ensaio biográfico de um educador e empresário*. Manaus: Valer, 2014.
- BENCHIMOL, S. *Amazônia: um pouco-antes e além-depois*. Manaus: Editora: 247 S.A. 2009.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.
- BENZECRY, Mady Benoliel. *Sarandalhas*. Manaus: Editora Pongetti, 1967.
- CALENDÁRIO judaico do Portal e Arquivo Histórico do Amazônia Judaica. 2020.
- COHEN, J. Benedicto. Israel. In: A COLUMNA. n. 17 e 18, ano II, 04-05 e 01-06-1917.
- CONDE-SILVA, Alessandra F. BENCHIMOL-BARROS, Silvia Helena. *Ecos sefarditas. Judeus na Amazônia*. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020.
- CONDE-SILVA, Alessandra F. Memórias de uma judia sefardita: reminiscências poéticas na Amazônia. *Revista Moara*, n. 56, vol. 1, ago-dez 2020. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9783/6756>>.
- CONDE-SILVA, Alessandra F. (2021). Dois escritores descendentes de judeus sefarditas na Amazônia: Márcio Souza e Rogel Samuel. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 15(28), 2–10. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/36533>>.
- CONDE-SILVA, Alessandra; CARDOSO, Joel Cardoso da. Duas artistas plásticas judias na Amazônia. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 15(29), 2021, p. 30–44. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/35907>>.
- FERNANDES, José Guilherme. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? *Graphos*, UFPB, João Pessoa, Vol. 6, n.º2/1, 2004, p. 111-116.
- IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- JOZEF, Bella. O olhar judaico: memória e testemunho. In: LEWIN, H. (Org.). *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 189-197.
- LEWIN, Helena. A construção de um tipo ideal de mulher judia: a *ídiche mame*. In: Lewin, H. (org.) *Judaísmo – memória e Identidade*. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Judaicos/Departamento de Ciências Sociais/UERJ, Volume II, 1997, p.125-135.
- MARGUTTI, Mário. *Embaixadores da alma brasileira: vida e obra de Batista e Mady*. Rio de Janeiro: Lucky, 2003.
- PANOFSKY, E. "Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença". In: *Significado nas Artes Visuais*. Trad. Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 47-65.
- ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. In: Revista *Morashá*. Edição 30, setembro de 2000. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>>. Acesso em: 27 de mar. 2019.
- ROSENBLATT, Sultana. *Barracão*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Leitura S/A, 1963.
- ROSENBLATT, Sultana. *Papéis*. Belém: Grafisa, 1999.

SCOTTI, Myriam. *Éden tártaro*. Manaus: Versão Kindle, 2018.

SCOTTI, Myriam. *Terra úmida*. Guaratinguetá: Panalux, 2021.

WALDMAN, Berta. Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011.